

Instaurada a ditadura do Estado Novo, apesar da forte repressão do regime sobre as movimentações populares de inspiração republicana, anualmente, a 1 de fevereiro, continuaram a realizar-se grandes romagens populares ao mausoléu de Manuel Buiça e Alfredo Costa.

Em 1938, contudo, a Associação do Registo Civil e do Livre Pensamento foi administrativamente encerrada e extinta pelas autoridades que, então, amordaçavam o país.

Em 1940, o *Diário Municipal* (n.º 1395, de 8 de fevereiro) publicou uma decisão camarária visando transferir o jazigo de Buiça e de Costa para outro local. Os fundamentos invocados para justificar a transferência do mausoléu constam do ofício n.º 151 da 2.ª Repartição de Higiene Urbana (publicado no *Diário Municipal* n.º 1398, de 12 de fevereiro de 1940) onde se alega estar aquele a «prejudicar grandemente o trânsito...».

Em consequência dessa decisão, foram as ossadas transferidas para a Rua 52, P. 4251 e os elementos que constituíam o mausoléu (conforme ofício n.º 238 da administração do 1.º Cemitério, datado de 26 de abril de 1940) terão sido colocados no depósito de materiais do cemitério.

Bibliografia: MORAIS, Jorge, *Regicídio. A contagem decrescente*, Lisboa, Zéfiro, 2007; BEIRO, Aquilino, *Um escritor confessa-se*, Lisboa, Livraria Bertrand, 2008; HENRIQUES, Mendonça, [et al.], *Dossier regicídio – Processo desaparecido*, Lisboa, Tribuna da História, 2008; MARA, Maria Alice e TAVARES, Rui, *O regicídio*, Lisboa, Tinta da China, 2008.

[António Ventura]

BURITY, BRÁS *ver* MADUREIRA, JOAQUIM

C

CABEÇADAS JÚNIOR, JOSÉ MENDES (1883-1965)

Nasceu em Lagoa de Momprolé (Loulé) a 19 de agosto de 1883, filho de José Mendes Cabeçadas (proprietário/lavrador) e de Maria da Graça Guerreiro Cabeçadas. Casou em março de 1911 com Maria das Dores Formosinho Vieira Cabeçadas, tendo tido quatro filhas (Maria Vieira, 1912; Maria Dolores, 1913; Maria da Graça, 1915 e Raquel, 1919).

Fez os estudos primários em Loulé e o exame da quarta classe em Faro. Os estudos liceais foram realizados em Faro e em Évora. A família mudou-se para Lisboa, tendo o seu pai adquirido uma fábrica de cortiça em Alhos Vedros. Em Lisboa, começou a estudar na Escola Politécnica (1902) e em 1903 ingressou na Escola Naval.

Ingressou em dezembro de 1902 no Regimento de Cavalaria n.º 2 – Lanceiros do Rei e daí transitou para a carreira da Marinha (aspirante, outubro de 1903; guarda-marinha, maio de 1908; 2.º tenente, novembro de 1909; capitão-tenente, novembro de 1910; capitão de fragata, agosto de 1917; capitão de mar-e-guerra, agosto de 1925; contra-almirante, setembro de 1930; vice-almirante, abril de 1937).

Teve a sua primeira comissão militar na Estação Naval do Índico – Moçambique (1908-1909). Comandou o porto de Vila Real de Santo António de 2 de junho de 1914 a 11 de dezembro de 1917 e de 15 de março de 1918 a 24 de fevereiro de 1919. Foi comandante da Escola de Alunos de Marinha do Sul em 1919 e em 1922. Entre junho de 1931 e outubro de 1932, assistiu no Comando-Geral da Armada. Ocupou, nos anos 30 e 40, cargos administrativos relacionados com o Arsenal da Marinha (Direção de Hidrografia e Navegação, presidente da Comissão de Obras de Construção do Arsenal, presidente da Junta Autónoma do Arsenal e intendente da Marinha do Arsenal entre fevereiro de 1933 e junho de 1947). Presidiu ao Tribunal Militar de Marinha (1926) e ao Conselho Superior Disciplinar da Armada (1947). Foi segundo governador do Banco de Angola entre junho de 1931 e outubro de 1932.

Pertenceu ao Comité Revolucionário da Marinha, tendo tido um papel importante no 5 de Outubro de 1910. Comandou na noite de 3 para 4 de outubro a revolta do cruzador *Adamastor*, que estava fundeado no Tejo. Dirigiu o bombardeamento do